



## **VALE EXISTIR E RESISTIR NO JEQUITINHONHA: trajetória do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí-Minas Gerais**

Magda Matos Tanure do Amaral<sup>1</sup>  
Ricardo Jardim Neiva<sup>2</sup>

Recebido em: 08/2021  
Aprovado em: 09/2021

### **RESUMO**

Esta pesquisa documental objetivou trazer à tona a história de emancipação social e política contida na trajetória do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí (STR)- Minas Gerais. Ao mesmo tempo, evidencia a força dos movimentos sociais, tão importantes para a luta por questões evocadas no Vale do Jequitinhonha. Para a obtenção dos resultados, buscou-se analisar o Estatuto do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí-M.G., arquivos fotográficos e posters informativos. Os arquivos fotográficos encontram-se dispostos no texto, bem como as informações expostas na sede do STR de Araçuaí, em formato de posters. Já o documento que rege as práticas do STR, foram pontualmente citados. Como resultados, apresentou-se a história cronológica do STR de Araçuaí, enviesado por estudos outros que possibilitaram dimensionar o cenário em que os fatos ocorreram. Concluiu-se que essa organização possui relevância para as causas dos trabalhadores do campo, sobretudo nesse território de superação, que é o Vale do Jequitinhonha.

**Palavras-chave:** STR de Araçuaí. Luta popular. Emancipação.

## **TO EXIST AND RESIST IN JEQUITINHONHA IS WORTH IT: trajectory of the Rural Workers Union of Araçuaí-MG.**

### **ABSTRACT**

This documentary research aimed to bring to light the history of social and political emancipation contained in the trajectory of the Rural Workers Union of Araçuaí-MG. At the same time, it evidences the strength of social movements, so important to the struggle for issues evoked in Vale do Jequitinhonha. To obtain the results, we sought to analyze the Statute of the Rural Workers Union of Araçuaí-MG, photographic files and informative posters. The photographic files are displayed in the text, as well as the information displayed at the headquarters of the STR from Araçuaí, in poster format. Already the document that governs the STR's practices was mentioned on occasion. As a result, it was presented the chronological history of the STR from Araçuaí, biased by other studies that made it possible to dimension the scenario in which the facts occurred. It was concluded that this organization is relevant to the causes of rural workers, especially in this territory of overcoming difficulties, which is Vale do Jequitinhonha.

**Keywords:** STR of Araçuaí. Popular struggle. Emancipation

<sup>1</sup> Mestra em Tecnologia, Ambiente e Sociedade (UFVJM). Pedagoga – IFNMG Campus Araçuaí.

<sup>2</sup> Mestre em Sociologia Política (UFSC). Professor – IFNMG Campus Araçuaí.



## 1. INTRODUÇÃO

A luta pela terra no Brasil é tão antiga quanto a existência do território. Contudo, o direito à terra compõe pauta política menos anosa. Por isso, embora as lutas sempre estiveram presentes na vida dos coletivos populares, apenas após a formalização legal é que de fato as conquistas se transformam em direito.

A concentração de renda e de terras é um engodo no Brasil, provocando contrastes sociais e econômicos gigantescos. Nesse arcabouço de desigualdade é que surgem os movimentos e organizações, grandes responsáveis pela construção, muitas vezes sob pressão, de políticas públicas e legislação no país.

O recorte geográfico deste estudo é o Vale do Jequitinhonha, precisamente a cidade de Araçuaí/M.G. Nesse cenário, vislumbrou-se conhecer o surgimento do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí e desvelar o contexto de lutas que compõem a sua história.

Para tal, utilizou-se a pesquisa documental como metodologia científica. Por isso, as informações contidas nessa pesquisa têm origem no Estatuto do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí/M.G., registros fotográficos e documentos oficiais da organização.

Ao propor este estudo, objetiva-se trazer à tona a história de emancipação social e política contida na trajetória do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí- MG. Dessa maneira, valorizar a identidade dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, que vivem na região pesquisada.

## 2. NUANCES DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO VALE DO JEQUITINHONHA

*Vem, vamos embora  
Que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora  
Não espera acontecer*

**(Geraldo Vandré, 1958. Pra Não Dizer que não Falei das Flores)**

A música foi grande aliada da manifestação popular durante a Ditadura Militar (1964 – 1985). Apesar da censura e exílio, os artistas daquela época não se furtavam ao direito de expressar na letra das suas poesias as mazelas sofridas pelo povo em razão do autoritarismo e da unilateralidade militar. Os versos que abrem essa revisão de literatura foram compostos por Geraldo Vandré e representam a organização de uma manifestação popular pacífica, partindo do pressuposto de que todos são iguais. O refrão acima sugere a convocação de todos os brasileiros para saírem às ruas em sinal de manifesto e defesa aos seus direitos.

Os movimentos sociais no Brasil ganharam força a partir dos anos 80, como forma de resistência a diversas imposições da Ditadura Militar, sofridas pelos grupos sociais que não



comungavam com a vertente do autoritarismo e com as situações de exclusão e injustiças sociais instauradas.

Foi nos anos 1980 que ressurgiram, no Brasil, as lutas populares e a constituição dos chamados movimentos sociais populares. Tiveram papel importante nesse processo a Teologia da Libertação, os Centros de Educação Popular, a teoria de base socialista e os inúmeros ativistas e militantes sociais. (CALDART, org., 2012 *apud* SADER, 1986)

Nesse mesmo período, aconteceu o que Martins (1989) chama de “pacto político de 1984”. Esse feito ocasionou impactos diretos na política, nas questões econômicas e sociais e desconsiderou as classes sociais advindas de contextos desfavorecidos, como os operários, trabalhadores rurais e indígenas.

Muito afetada, a classe trabalhadora do campo e da cidade juntou-se, então, aos sindicatos e movimentos sociais, em busca de direitos básicos para a sobrevivência e trabalho. No âmbito camponês, alguns movimentos sociais foram e são sinônimo de luta nacional, apoiados nos anos 80 pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), Pastoral da Juventude e sindicalismo rural, conforme explicitado por Caldart *et.al.* (2012). Nesse bojo, O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) tornaram-se expoentes nacionais em relação à luta por terra, do reconhecimento e preservação da identidade e cultura camponesa, além de direitos básicos às formas de trabalho, educação e alimentação no campo brasileiro.

Os povos quilombolas também são reconhecidos legalmente como camponeses. Nesse bojo, a Comissão das Comunidades Quilombolas do Vale do Jequitinhonha (Coquivale) é uma organização não governamental, fundada em 2016, que através de encontros para escuta e formação, objetiva a luta unificada pelas comunidades quilombolas do Vale em busca da conquista de seus direitos e implementação de políticas públicas.

À medida em que esses movimentos sociais foram se consolidando e as causas ganhando adeptos e notoriedade, as causas dos combates políticos e ideológicos passaram a compor as agendas de governo. Estas são aprimoradas ou retroagidas ano após ano, dependendo das lideranças governamentais e das suas alianças político-partidárias. O MST, por exemplo, trouxe à tona, além da pauta da reforma agrária, a demanda de uma educação focada nas especificidades dos assentamentos: a educação do campo.

Em Minas Gerais, a entrada do MST se deu através da ocupação da Fazenda Aruega, localizada no Médio Jequitinhonha, especificamente na cidade de Novo Cruzeiro, ocorrida em 2 de fevereiro de 1988 e contou com a participação de 400 famílias. Destas, apenas 25 foram



assentadas na Fazenda Aruega e as demais espalharam-se Estado afora, através de outras ocupações. As ocupações não eram pacíficas e envolviam combates violentos, como relatado por Martins (1989), quando o autor destaca que em todos os anos da Ditadura Militar foram feitas cerca de 170 desapropriações de terra, sendo que só em 1981 houve mais de 1.300 conflitos, envolvendo 1 milhão e 200 mil famílias. Assim, percebe-se que a violência oriunda dos combates superou o número de desapropriações de terra. O MST então segue resistindo em um país em que as lideranças dos movimentos sociais são alvo de crimes hediondos.

Em um estudo de caso realizado por Zangelmi (2007) sobre o Assentamento Aruega, constatou-se que

A agricultura é a principal atividade econômica, porém atividades não agrícolas – como as de comércio, indústria caseira, pedreiro, serventes escolares, diaristas, professores, etc. – contribuem de forma considerável para a renda de quase todas as famílias. A disponibilidade de tempo e a necessidade de complementar a renda são os principais motivadores relatados pelos assentados para optarem por essa diversificação. (ZANGELMI, 2007, p.60)

Assim como no Assentamento Aruega, os demais assentamentos do Brasil possuem a característica de desenvolver como principal atividade econômica a atividade agrícola, guiada pela prática agroecológica. Assentados do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra do Rio Grande do Sul são os maiores produtores de arroz orgânico da América Latina, que além do cultivo agroecológico, repassam o produto a valores bem inferiores ao arroz advindo do agronegócio.

Após anos de repulsa por parte da comunidade externa, os moradores do assentamento Aruega hoje vivem tempos de aproximação com a cidade de Novo Cruzeiro e comunidades circunvizinhas. Zangelmi (2007) afirma que se criou também um interesse dos políticos locais pelo assentamento, tanto pelo importante peso em número de eleitores, quanto pela sua importância política decorrente da sua Associação bem organizada e uma escola de qualidade reconhecida, que serve à várias comunidades rurais da região.

O Assentamento do MST na cidade de Novo Cruzeiro evidencia no Vale do Jequitinhonha a história, a força e a importância do movimento para os Sem Terra e também para a população que hoje depende da educação, da produção e do trabalho nascido naquele local.

## 2.1. A SUBSUNÇÃO DA FORÇA POPULAR PRESENTE EM ARAÇUAÍ

A cidade de Araçuaí carrega consigo o vigor de um território marcado pela resistência do seu povo. Seja através da arte, da resiliência ou dos movimentos sociais organizados, os moradores desse lugar parecem sempre aptos a partirem para a labuta. Araçuaí-MG. abriga



um cenário real de desigualdades socioeconômicas e traz em seu bojo de lutas a história de uma mulher negra, com forte potencial de liderança, proprietária da Fazenda Boa Vista da Barra do Calhau, às margens dos rios Jequitinhonha e Araçuaí.

O intenso movimento na Fazenda Boa Vista, como ponto de parada, chegada e partida, culminou primeiramente na formação do Arraial denominado Calhau, em 1817, que posteriormente em 1871 deu origem à cidade emancipada de Araçuaí. A localização geográfica da Fazenda favorecia a circulação de canoas idas e vindas de outros lugares, transportando pessoas e mercadorias.

O nome Calhau faz relação com a enorme quantidade de pedras arredondadas – calhau -, moldadas pelas correntezas dos rios que passavam por ali, já que aquele era o ponto onde é percebido nitidamente o encontro entre os rios Jequitinhonha e Araçuaí. Por isso, os araçuaienses são também chamados de kiauzeiros, uma variação linguística, carregada de simbolismo para se referir a quem é nascido no Calhau, agora, Araçuaí.

O ano de 1942 foi marcado pela inauguração da Ferrovia Bahia-Minas na cidade de Araçuaí. A estrada ligava o sertão mineiro às praias do sul da Bahia. Esse é de fato um momento histórico para a cidade, pois como os carros eram raros e as estradas de acesso não existiam, o trem passou a ser meio de transporte para trabalho, lazer, envio e recebimento de produtos e ainda como meio de transporte para os correios.

**Imagem 1: Estação de Araçuaí-M.G.: inauguração da estrada de ferro em 1942.**



**Fonte: Disponível em**

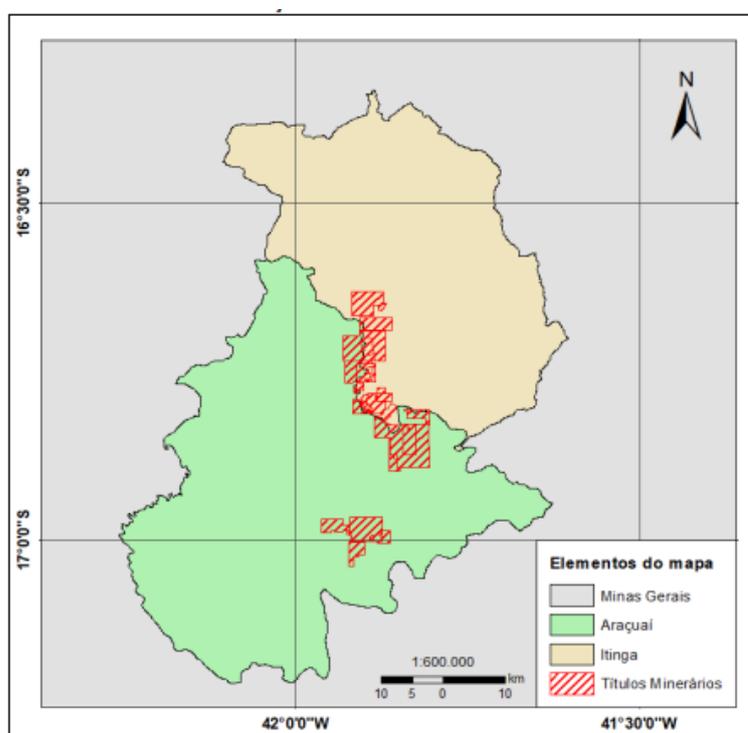
[http://www.gazetadearacuai.com.br/noticia/7044/nova\\_lei\\_protege\\_ferrovias\\_e\\_estacoes\\_de\\_trens\\_em\\_u\\_so\\_ou\\_nao\\_em\\_mg/](http://www.gazetadearacuai.com.br/noticia/7044/nova_lei_protege_ferrovias_e_estacoes_de_trens_em_u_so_ou_nao_em_mg/), acesso em 18/04/2021.

A Ferrovia Bahia-Minas agregou valores econômicos aos Vales do Jequitinhonha e Mucuri por 18 anos, sendo extinta em 1966, mediante intensa crise no Governo Militar. Contudo, algumas das justificativas dadas para a desativação da via foram o desmatamento

sem replantio, para alimentar as caldeiras, falta de manutenção, inauguração da BR- 116 (Rio-Bahia). Após o fechamento, essa região sofreu um grande baque econômico.

Araçuaí possui mais de 60 comunidades rurais onde mora 40% da população. No campo, as principais atividades econômicas são a agropecuária, leite e derivados, cachaça artesanal e agricultura familiar. Encontra-se em Araçuaí a uma jazida de lítio, mineral utilizado para confecção de baterias. A população ainda espera pelo progresso que deveria vir junto a esse título, mas até então a região é explorada apenas para a retirada do minério, que é levado para outra parte do Estado.

**Imagem 2: Representação cartográfica das jazidas de lítio em Minas Gerais**



**Fonte: SALOMÃO; BORGES, 2020.**

As empresas CBL e Sigma são atualmente as responsáveis pela extração do minério nas localizações expressas na imagem 2. A questão da mineração tensiona as discussões na região, uma vez que envolve diversos impactos ambientais e sociais.

Ademais, o campo e a cidade seguem lutando dia a dia para a preservação das riquezas populares, seu patrimônio material – igrejas, casarões, ruas, praças, obeliscos, imagens sacras - e imaterial – artistas, corais, festas tradicionais, feira livre, comidas típicas.

A cidade possui ainda uma área de proteção ambiental, a Chapada do Lagoão. Essa área está localizada a cerca de 25km do centro da cidade, altitude de 850 metros e apresenta uma vegetação típica do cerrado, com algumas partes com característica de caatinga, apresentando uma flora composta por árvores de madeira de lei como Braúna, Peroba e



Sucupira, além de plantas rasteiras medicinais. Os pequizeiros, Mangaba, Cagaita, Araticum, Cajuzinho e a Lobeira compõem esse ecossistema. Abriga também uma fauna diversificada e é responsável pelo abastecimento de mananciais, que por sua vez, abastecem as comunidades vizinhas.

Em Araçuaí, estão presentes também os povos tradicionais indígenas e quilombolas. A Comunidade Quilombola do Baú foi reconhecida em 2008, fica a cerca de 26km da cidade e possui aproximadamente 200 moradores oriundos de 43 famílias.

Já a Aldeia Cinta Vermelha Jundiba é formada por indígenas Pankararu e Pataxó, vindos de Pernambuco e Bahia, consecutivamente, refugiados da perseguição na Ditadura Militar.

A força dos coletivos populares possui grande importância no que se refere às conquistas em prol do povo do Vale do Jequitinhonha. Muitos gritos de resistência ecoam dessa força popular, representados corriqueiramente por movimentos sociais, associações e organizações sindicais.

São diversas as causas levantadas pelas lutas populares no Vale do Jequitinhonha, dadas principalmente pela desigualdade social existente na região e pela especificidade das atividades realizadas ou vividas. São artesãos, camponeses, lavradores, quilombolas, indígenas e atingidos por barragens.

Os atingidos por barragens também possuem um movimento bastante atuante na cidade de Araçuaí e no Vale do Jequitinhonha. O Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) luta pela conscientização socioambiental no Brasil desde 1980, quando o avanço da implantação de usinas hidrelétricas foi potencializado, privando as pessoas de viverem em seu território de origem. O MAB então se afirma como um movimento social que luta pelos direitos humanos dos camponeses atingidos pela construção de barragens. Esse grupo acredita que a água e a energia não são mercadoria, visto que a água é uma necessidade de todos e, portanto, direito fundamental. Nesse bojo, as principais reivindicações do MAB em Araçuaí e no Vale acontecem em defesa dos direitos dos atingidos pela construção da Barragem de Irapé. Os atingidos clamam pelo acesso à água, que é escassa para eles, deixando-lhes desabastecidos por vários dias seguidos, além das condições ambientais em decorrência do impacto sofrido e da luta pela não privatização.

O Levante Popular da Juventude é outro movimento social nacional, mas com expressiva representatividade em Araçuaí. Esse movimento nasceu nos anos 2000, no seio da luta dos povos do campo, na intencionalidade de estimular o surgimento de novas militâncias que conduziram as discussões populares em defesa dos direitos daqueles povos. Em 2005,



entretanto, definiu-se que esse movimento social e político dos jovens brasileiros deveria “organizar a juventude da classe trabalhadora e, em especial, os jovens da periferia urbana”. A partir daí, a luta do Levante Popular da Juventude carrega como ato político a disseminar ideias, manifestações e reivindicações e campanhas contra-hegemônicas, a favor da libertação das amarras econômicas, políticas e ideológicas.

Nessa vertente, os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR) configuram um forte apoio às lutas dos trabalhadores do campo. Essa organização sindical, conforme afirma Martins (1981), existe no Nordeste mineiro desde a década de 50 e esta se apresenta como guardião dos direitos dos povos do campo, enquanto trabalhadores. O STR de Araçuaí representa vários trabalhadores do campo, espalhados nas mais de 60 (sessenta) comunidades rurais do município, colaborando para que a garantia dos seus direitos seja preservada, orientando-os frente às suas lutas diárias. Por isso exerce também um papel político.

A cidade de Araçuaí abriga ainda diversas Organizações Não Governamentais (ONGs), que utilizam da pedagogia de projetos e da educação para a formação, informação e conscientização social dos coletivos populares do campo e da cidade. Contudo, é no campo que as ações são percebidas com maior amplitude, em número e efeito.

A Cáritas Brasileira foi fundada em 1956 e é uma organização vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). É responsável por um robusto trabalho pautado nos eixos economia popular solidária, convivência com biomas, infância, adolescência e juventude, meio ambiente, gestão de riscos e emergência e migração e refúgio. Está presente em 12 regionais, dentre elas, Minas Gerais, com uma das sedes na cidade de Araçuaí. Nessa região, a Cáritas atua diretamente com os moradores do campo, fomentando discussões e desenvolvendo ações, sobretudo para a convivência com o semiárido, refletindo e construindo acerca de temáticas como as águas: cisternas, captação de água da chuva por meio de recursos tecnológicos sociais.

Outra ONG que ocupa um espaço importante na formação dos coletivos populares de Araçuaí e região é o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento. Idealizada pelo educador e antropólogo Sebastião Rocha, em 1994, essa ONG atua no viés da Educação Popular adotando a pedagogia freiriana para a construção da aprendizagem: partindo da cultura e vivência dos sujeitos. Acolhe crianças, jovens e adultos em sua proposta, intervindo por meio de diversos projetos junto à comunidade do campo e da cidade, pressupondo o desenvolvimento como algo coletivo, comunitário.

Os projetos vinculados ao CPCD na cidade de Araçuaí contribuem para que a população atendida tenha acesso a informações e construam conhecimentos a partir da sua



realidade, e conforme afirmado pelo idealizador Sebastião Rocha, a matéria-prima dessas práticas são a cultura local.

Ao dissertar sobre a história de Araçuaí ressalta-se que é inegável a relevância da participação das organizações sociais para as conquistas daquele povo. São diversos projetos de emancipação social e política que encontraram Araçuaí pela sua peculiaridade, desde a sua origem pelas mãos de uma mulher até as múltiplas causas levantadas pelas lutas do povo.

Nesse sentido, Araçuaí é reconhecida como um território heterogêneo em suas lutas e diverso em sua população. O sol forte e o clima quente na maior parte do ano representam a garra do seu povo, que não titubeia. O abismo social presente ali não é um estorvo para resiliência. Mas se configura como um potencializador das raízes, afirmação de uma gente que se reconhece no outro, que sabe onde está e a vivência é a sua principal escola.

### **3. VEREDAS METODOLÓGICAS**

A utilização de métodos qualitativos em pesquisas sociais é bastante propícia para conferir rigor científico ao estudo. Essa metodologia pode estar presente em várias etapas da investigação, abarcando desde a coleta de dados até a interpretação.

Os métodos qualitativos mostram uma abordagem diferente da investigação acadêmica do que aquela dos métodos da pesquisa quantitativa. A investigação qualitativa emprega diferentes concepções filosóficas; estratégias de investigação; e métodos de coleta, análise e interpretação dos dados. Embora os processos sejam similares, os procedimentos qualitativos baseiam-se em dados de texto e imagem, têm passos singulares na análise dos dados e se valem de diferentes estratégias de investigação. (CRESWELL, 2010, p.206)

Portanto, a pesquisa de métodos qualitativos realiza a coleta e análise dos dados de maneira científica e rigorosa, utilizando para tal, dados de origem quantitativa ou de origem qualitativa. Outra característica dessa abordagem é que a pesquisa se dá em um ambiente natural. Os pesquisadores qualitativos tendem a coletar dados no campo e no local em que os participantes vivenciam a questão ou problema que está sendo estudado. (CRESWELL, 2010, p. 208).

A partir desse entendimento, a coleta de dados definida neste estudo aconteceu por meio do acesso aos documentos oficiais disponibilizados pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí -M.G. Todos os protocolos de segurança viabilizados pela Organização Mundial de Saúde em decorrência da pandemia ocasionada pela COVID-19 foram severamente cumpridos no ato da coleta de dados, que se deu de forma pontual, no dia 30 de abril de 2021.

A análise documental objetivou conhecer a resposta à indagação evidenciada pelo problema de pesquisa deste estudo. As informações coletadas foram organizadas em ordem cronológica, viabilizando ao leitor o conhecimento acerca da trajetória do STR / Araçuaí - M.G. As informações aleatórias contidas nos documentos corroboram para compreensão e interpretação.

O rol de documentos utilizados para a coleta de dados é composto por: Estatuto do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí-M.G., arquivos fotográficos e posters informativos.

#### **4. A TRAJETÓRIA DE LUTA DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE ARAÇUAÍ M.G.**

Na história do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí está evidenciada a trajetória de uma organização que nasceu da luta pelo reconhecimento dos direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo na região do Vale do Jequitinhonha.

A Comunidade de Tesouras sediou ao longo dos anos 40, uma importante associação de moradores, que se organizou em prol de melhores condições de trabalho e sobrevivência dos lavradores, enquanto trabalhadores do campo, que compreendiam a terra como matriz do trabalho, do sustento, da cultura, da saúde e da educação daquele povo.

**Imagem 3: Registro dos Lavradores da União Tesourense, em visita à cidade de Araçuaí, em 1941.**



**Fonte: Arquivo do STR – Araçuaí, 2021. (Reproduzido pelos autores)**

Nessa conjuntura, a União Tesourense era formada por lavradores, do gênero masculino. O grupo realizava reuniões frequentes na Comunidade de Tesouras, buscando



## VALE EXISTIR E RESISTIR NO JEQUITINHONHA: trajetória do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí-MG

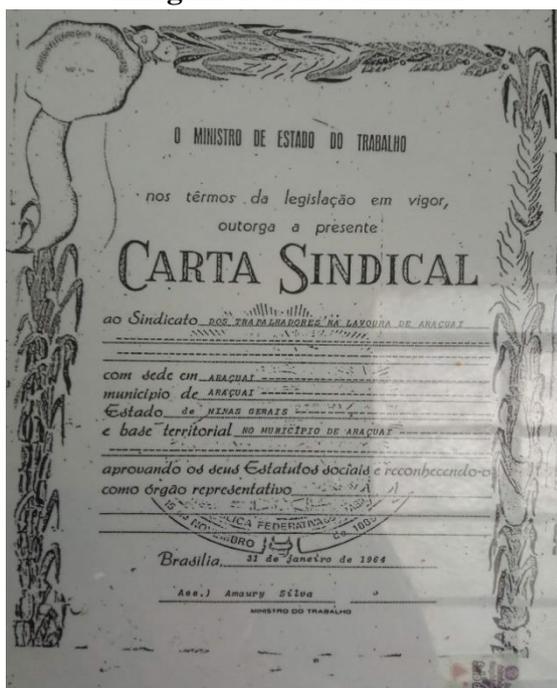
traçar as pautas de reivindicações daquela população de trabalhadores do campo. Durante as visitas à cidade, realizava encontros com lideranças religiosas, conforme pode-se visualizar no registro contido na imagem 3, em que o Bispo Dom José (ao centro da foto) recebe os membros da referida União.

Nesse período, as dioceses de Teóilo Otoni e Araçuaí eram polos de atuação da Igreja Católica progressista, principalmente nos trabalhos de padres missionários portugueses e italianos. Esses grupos, organizados nas CEBs e CPT, fizeram muitas reuniões e publicavam manuais que contribuíram enormemente na organização dos trabalhadores, divulgando seus direitos, questionando as injustiças sociais e má distribuição da terra, iniciando a formação de uma *identidade* (OLIVEIRA, 1976) de trabalhador rural sem terra na região. (ZANGELMI *et al*, 2013, p.324)

A União dos Tesourenses registrava em cartas as labutas vividas pelos lavradores e contava com o apoio da igreja local para o suporte às lutas. A igreja desempenhava, além do alicerce espiritual, um suporte sindicalista e assistencialista aos lavradores e suas famílias. Doava-lhes cestas básicas para atravessarem os momentos de dificuldade em suas comunidades. Foi desse enlace de lideranças comunitárias e religiosas que nasceu o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí -MG.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí atua junto aos trabalhadores do campo desde 1964, quando foi oficializada a sua fundação. Conforme já mencionado, no começo das suas atividades, destaca-se o forte apoio da Igreja Católica da cidade, que inclusive realizou a doação do terreno, em 1963, onde se localiza a sede da organização até hoje, endereçada à Rua Goiás, 292- Alto Santuário.

**Imagem 4: Carta Sindical**



Fonte: Arquivo do STR - Araçuaí, 2021. (Reproduzido pelos autores)



A Carta Sindical ora apresentada oficializa o reconhecimento pelo Ministério do Estado do Trabalho de Minas Gerais, em 1964, como órgão representativo dos trabalhadores rurais de Araçuaí.

Como pode-se perceber, o ano de validação desse órgão representativo da classe trabalhadora do campo, que corresponde a fevereiro de 1964, em pouco antecede o início da Ditadura Militar, que foi demarcada efetivamente a partir de março de 1964.

Em 1964 existiam 40 STRs, em 36 municípios de Minas Gerais, dos quais apenas três tinham reconhecimento jurídico: os de Poté (Vale do Mucuri), Araçuaí (Vale do Jequitinhonha) e Santana do Deserto (Zona da Mata) (FERREIRA NETO, 1999, p. 204). Os sindicatos estavam distribuídos por quase todas as regiões de Minas Gerais, chamando, porém, atenção a pouca existência de sindicatos no Norte de Minas, no Vale do Jequitinhonha e no pontal do Triângulo Mineiro (Ibid., p. 201). (ZANGELMI *et al*, 2013, p. 9 *apud* FERREIRA NETO, 1999)

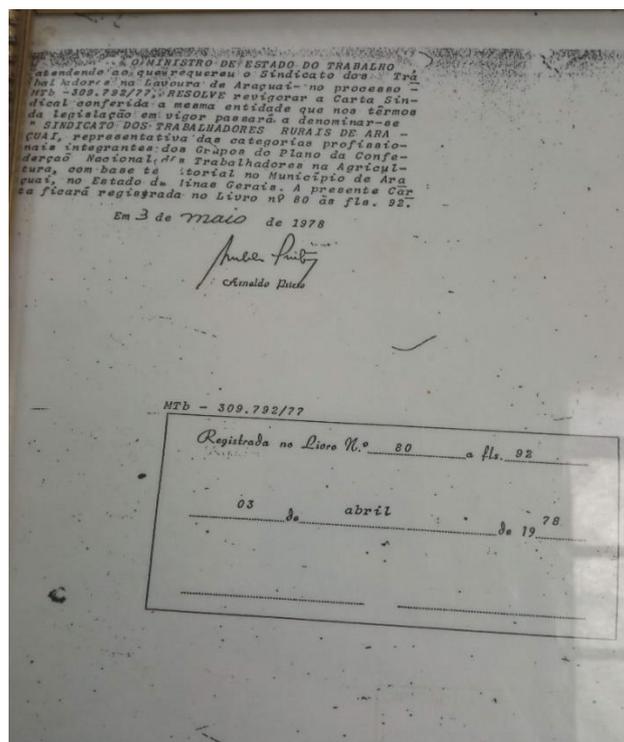
Concomitante ao Golpe de 64, o Estado de Minas Gerais se posicionou de maneira conservadora, comungando com os ideais militares. Em oposição aos sindicalistas, tanto os proprietários rurais quanto o Governador Magalhães Pinto manifestaram contrários ao avanço das organizações sindicais pelo Estado, cujo movimento logo foi ceifado por severos combates, prisões e mortes, alargando a ocorrência de latifúndios.

Quanto aos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, estes foram alvo direto dos militares, que objetivavam confiscar as Cartas Sindicais e assim tornar aquelas organizações ilegais perante o estado, tornando-as sem atuação.

Em 1968, os STR's de Minas Gerais passaram a contar com a FETAEMG – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais- organização que fortaleceu as lutas pelos direitos trabalhistas dos povos do campo em Minas, atuando nos limites do Estatuto da Terra (1964).

Em 1978, o Ministério do Estado do Trabalho promulgou um documento que revigora a Carta Sindical do STR de Araçuaí- M.G., feito realizado ainda durante a Ditadura Militar.

**Imagem 5: Ministério do Trabalho Revigora a Carta Sindical do STR – Araçuaí.**



Fonte: Arquivo do STR - Araçuaí, 2021. (Reproduzido pelos autores)

Ainda nos anos 70, foi instituído pelo Governo Federal o Pro-Rural. Esse programa de assistência ao trabalhador rural era vinculado a um fundo de arrecadação, que por sua vez taxava impostos, inclusive das produções rurais do trabalhador. Os recursos decorrentes desse fundo eram enviados aos municípios, que eram responsáveis pela estruturação ou criação de sindicatos em cada cidade, dotando-os de suporte médico básico. Assim, o caráter político das organizações sindicais deu lugar a espaços assistencialistas, meramente. O STR de Araçuaí viveu esse momento e registra que a assistência à saúde do trabalhador era um fator de agregação a novos associados. Hoje, o Sindicato mantém convênio com farmácias e clínicas da cidade, que concedem descontos aos filiados ao STR de Araçuaí nas suas aquisições.

Já nos anos 80, esse cenário de passividade política é modificado e os sindicatos mineiros retomam a sua característica estrutural:

A partir do início dos anos 80, associado ao processo de transformação política que estava vivendo o país, tem início um conjunto de transformações tanto nas concepções correntes sobre o significado do movimento sindical, com a busca de alternativas que superassem o caráter assistencialista que predominava na estrutura nacional do MSTR, quanto a construção de novas alternativas de luta pela reforma agrária. (FERREIRA NETO, 1999, p. 147).

Nessa nova fase, a FETAEMG passa a acompanhar os movimentos dos sindicatos dos trabalhadores rurais de Minas Gerais, que também se fortalece com a reiterada parceria da



Pastoral da Terra, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e Confederação Nacional dos Bispos do Brasil. Apesar de ser um momento de conflitos é também um momento de luta identitária e luta pela terra, em que a existência dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais se constitui como apoio ao trabalhador e suas causas.

Ao final dos anos 80 e início dos anos 90, o papel da igreja progressista, sobretudo no Norte de Minas, foi de apoiadora e conscientização da necessidade de uma organização dos trabalhadores em prol dos seus direitos. Nesse período, as dioceses de Teófilo Otoni e Araçuaí eram polos de atuação da Igreja Católica progressista, principalmente nos trabalhos de padres missionários portugueses e italianos. Esses grupos, organizados nas CEBs e CPT, fizeram muitas reuniões e publicaram manuais que contribuíram enormemente na organização dos trabalhadores, divulgando seus direitos, questionando as injustiças sociais e má distribuição da terra, iniciando a formação de uma identidade. (OLIVEIRA, 1976).

Durante esse recorte, as divergências entre a FETAEMG e as igrejas ocorriam devido às formas de cada organização conceber de como deveria ser a luta. Nos chamados cursinhos de base, a igreja formava diversas lideranças para atuarem em suas localidades. Nesse sentido, ocorriam discordâncias.

Em 2001, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí construiu o documento norteador das suas ações internas, democraticamente: o Estatuto do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí – MG.

O estatuto normatiza questões relacionadas à composição da equipe gestora do STR, que é eleita democraticamente. A atual formação da gestão do STR de Araçuaí é composta por 5 (cinco) diretores efetivos, sendo cada um responsável por um tipo de demanda. São eles: 1- Presidente, 2- Tesoureiro(a), 3- Diretor(a) Previdenciário, 4- Formação Sindical, 5- Política Agrícola e Reforma Agrária.

Previsto no seu estatuto, o STR de Araçuaí estabelece o contato com as comunidades rurais através dos Coordenadores de Base. Esses atores são facilitadores do diálogo dos trabalhadores com o STR: colhem assinaturas, promovem reuniões, recolhem mensalidade, orientam em relação às aposentadorias, atestados médicos e outros. A formalização dos processos é concluída pelos funcionários da sede do STR de Araçuaí.

Imagem 6: Pôster dos direitos do sindicalizado  
exposto na sede do STR - Araçuaí



Fonte: Arquivo do STR - Araçuaí, 2021.  
(Reproduzido pelos autores)

Imagem 7: Pôster de orientação ao sindicalizado  
exposto na sede do STR – Araçuaí.



Fonte: Arquivo do STR - Araçuaí, 2021.  
(Reproduzido pelos autores)

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí- MG. orgulha-se da sua trajetória de emancipação social e política dos trabalhadores da região e expõe algumas das suas conquistas em forma de pôster no seu espaço sede. A imagem 6 destaca alguns direitos conquistados ao longo dos anos pelos trabalhadores e a imagem 7 orienta o trabalhador rural em relação às facilidades financeiras que lhes são ofertadas, podendo causar-lhes o endividamento e comprometimento da renda familiar, consumida por largos juros bancários.

## 5. CONCLUSÃO

A história de luta arraigada à população do Vale do Jequitinhonha é marcada pela resistência de um povo que tem esperança. E, segundo Paulo Freire (1921 - 1997), a esperança que se assemelha à resistência tem raiz no verbo esperar. Esperar, em Freire é munir-se de força, de movimento, de inquietude. Esperar é movimentar-se para mudar a realidade, partindo da visão de comunidade.

Com muita esperança o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí começou as suas lutas e segue firme rumo à defesa dos trabalhadores do campo. Durante esses anos de história, o STR comemora algumas conquistas: a sindicalização de mulheres- antes apenas os



homens poderiam se sindicalizar-, salário sem distinção de gênero, regularização de propriedades rurais, afastamentos médicos, aposentadorias e auxílios aos trabalhadores rurais.

Além disso, enfrenta também alguns desafios que demandam resistência, como o afrouxamento de algumas legislações em relação ao desmatamento e uso de agrotóxicos, descentralização de emissão de documentos dos trabalhadores rurais – a Declaração de Atividade Rural antes era emitida apenas pelos STR, dentre outros desafios.

Contudo, a linha do tempo continua a correr e nessa linha curvilínea, cada dia é uma oportunidade de ir à luta por todos!

## **REFERÊNCIAS**

CALDART, R. S. (org.);PEREIRA, I.B; ALEJANDRO, P.; FRIGOTTO, G. **Dicionário da Educação do Campo** .Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CRESWELL, J.W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FERREIRA NETO, José Ambrósio. **Lideranças Sindicais e Ação Coletiva: A FETAEMG e a luta pela terra em Minas Gerais**. Rio de Janeiro, 413 ls. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Centro de Pesquisa em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

MARTINS, J.S. **Caminhada no chão da noite: emancipação política e libertação nos movimentos sociais no campo**. São Paulo: Editora Huatec, 1989.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.

SALOMÃO, P. E. A.; BORGES, E.A.G. **Extração de Lítio nos municípios de Itinga e Araçuaí no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais**. Research, Society and Development, v. 9, n.1, e132911798, 2020.

ZANGELMI,A.J.; OLIVEIRA, F.R.C.;SALES, I.F.O. **Da Sindicalização às Ocupações: luta pela terra em Minas Gerais (1940-1980)**. *Revista de Ciências HUMANAS*, v. 47, n. 2, p. 306-330, out. 2013.

## **ENDEREÇO DOS AUTORES**

Magda Matos Tanure do Amaral  
[magda.amaral@ifnmg.edu.br](mailto:magda.amaral@ifnmg.edu.br)

Ricardo Jardim Neiva  
[ricardo.neiva@ifnmg.edu.br](mailto:ricardo.neiva@ifnmg.edu.br)